DA DISNEYLÂNDIA À CRACOLÂNDIA: UM ESTUDO SOBRE O FORMATIVO -*LÂNDIA* NO ATUAL ESTÁGIO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Carlos Alexandre GONÇALVES
(Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq)

Felipe da Silva VITAL
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

RESUMO: *Neste trabalho, discute-se o estatuto morfológico do formativo -lândia no atual estágio do português brasileiro (PB): se constitui radical ou afixo, se participa do processo de composição ou derivação ou, ainda, se porta características de ambos os elementos morfológicos e, por consequência, de ambos os processos gerais de formação. O principal objetivo é evidenciar a proposta de um continuum entre as duas categorias morfológicas e os dois processos de formação, mostrando como a separação categórica pode apresentar problemas na descrição desse formativo e, consequentemente, do processo de formação de palavras que instancia. Com respaldo em Kastovsky (2009), aplicamos a ideia o continuum composição-derivação (radical-afixo) ao formativo em análise e mostramos que -lândia não constitui splinter. Analisamos, para tanto, o percurso histórico dessa partícula.*

PALAVRAS-CHAVE: *Morfologia; composição; derivação.*

INTRODUÇÃO

Neste artigo, analisamos o formativo *-lândia* – 'Disneylândia', 'Cinelândia', 'cracolândia' e 'cristolândia' – a fim de checar seu estatuto morfológico em construções neológicas do Português Brasileiro (doravante PB). Pretendemos discutir se esse elemento é prototipicamente composicional (radical), prototipicamente derivacional (afixo) ou constitui ponto de interseção entre esses dois principais processos de formação de palavras.

Ao longo do texto, mostramos como o formativo pode portar características tanto de radicais quanto de afixos, não assumindo, então, um estatuto morfológico categórico; ressaltamos também que as formações X-*lândia* estariam dispostas num *continuum* entre essas duas categorias. O respaldo teórico para as análises presentes no artigo está em Bauer (2005) e em Kastovsky (2009), com o intuito de checar as propriedades proeminentes da Composição, da Derivação e os casos limítrofes entre estes dois processos. Os critérios empíricos aqui aplicados seguem a proposta de Gonçalves & Andrade (2012) para a categorização de afixos.

Os dados foram retirados de dicionários eletrônicos, como *Aurélio* e *Houaiss,* redes sociais, como o *Twitter*, Facebook, *What'sapp*, e rastreados a partir da ferramenta eletrônica *Google*. Em relação à metodologia, foram elaborados de testes de conversação e leitura realizados com grupos etários de (a) até 12 anos, (b) de 12 a 20 anos e (c) acima de 20 anos; e grupos de diferentes graus de escolarização. Participaram do teste de conversação e leitura aproximadamente 25 pessoas. O teste foi realizado com o objetivo de checar aspectos fonológicos das formações X-*lândia*, como a eventual abertura de médias pretônicas, a existência de *clashes* acentuais e, consequentemente, de retrações na tônica da forma com que *-lândia* se combina. Com isso, verificamos não apenas a realização da vogal

da base à esquerda como também se o complexo morfológico se subordina a um único acento.

A organização do texto foi definida da seguinte maneira: em primeiro lugar, analisamos as principais características dos processos de composição e derivação, atentando para um *continuum* entre eles; depois, damos um breve parecer acerca da etimologia do formativo em análise: seu estatuto e seus primeiros usos, seguido da análise do papel de -*lândia* no português, em função de seus primeiros empregos na língua. Na sequência, analisamos o seu estatuto morfológico no atual estágio do PB, procurando observar em que medida se comporta como um radical e em que medida se comporta como um afixo, aplicando a proposta do *continuum* Composição-Derivação proposta por Bauer (2005) e em Kastovsky (2009) e primeiramente testada em português por Gonçalves (2011a).

1. DAS DIFERENÇAS ENTRE A COMPOSIÇÃO E A DERIVAÇÃO

Na distinção entre os dois principais processos de formação de palavras, cabe estabelecer alguns critérios empíricos caso o objetivo seja a definição geral dos processos pelos seus exemplares mais prototípicos. Há de se salientar para o fato de esses critérios não serem verdades absolutas para os conceitos em questão, visto que (a) elementos nem sempre obedecem a fatores fixos de funcionalidade, (b) há critérios que não funcionam da mesma maneira para todos os membros de determinada categoria morfológica; e (c) a inadequação na relação critério-processo pode abalar a postulação de fronteiras rígidas entre os fenômenos e abrir novas discussões sobre os critérios e sobre os próprios processos de formação.

Em linhas gerais, a composição é um processo que consiste na junção de unidades lexicais (palavras e radicais), na formação de outra palavra morfologicamente complexa; por sua vez, a derivação consiste na adjunção de um afixo. Gonçalves & Andrade (2012) levantaram onze critérios empíricos na distinção entre afixos e radicais. Para a análise do formativo *-lândia*, entretanto, o trabalho se limitará a um número menor. Segundo os autores, os afixos, em geral, têm, entre outras, as seguintes características proeminentes: (a) restrição posicional, (b) limitação estrutural, (c) não projeção de palavra prosódica independente, (d) estabilidade funcional, (e) restrição semântico-sintática, (f) composicionalidade e (g) potencial de aplicabilidade. Além desses critérios levantados pelos autores, o artigo se utilizará do critério (h) combinabilidade (GONÇALVES, 2011a).

(a) **Restrição posicional**

De acordo com Gonçalves (2011a), afixos são regidos por uma contundente inflexibilidade posicional, ou seja, aparecem numa posição pré-determinada no interior da palavra[1]. Palavras e radicais, por sua vez, podem admitir oscilações posicionais, podendo aparecer em primeira ou em segunda posição.

(01) cinz**eiro**, port**eiro**, fofoqu**eiro**
escola-modelo, navio-**escola**; **maria**-gasolina, banho-**maria**; homem-**rã**, **rã**-touro

Em (01), na primeira linha, o formativo em negrito, mesmo aparecendo com bases semanticamente distintas, vem sempre à direita do radical. Na linha seguinte, as palavras,

[1] De acordo com a sua posição em relação à base, o afixo pode ser classificado como prefixo, sufixo, confixo, interfixo, circunfixo, suprafixo e infixo.

também em negrito, aparecem em posições diferentes, ou seja, o critério **Restrição posicional** apregoa uma subordinação dos afixos em relação aos radicais, no sentido de se comportarem posicionalmente em função destes. O mesmo não acontece com palavras, como se vê em (01), nem com radicais, como se observa nos exemplos em (02), extraídos de Gonçalves (2012b):

(02)

*fon*ética / tele*fon*ia	*dem*ocrata / epi*dem*ia
*cefal*ópode / micro*céfalo*	*morf*ologia / meta*morfo*
*filó*sofo / pedo*fil*ia	*graf*otécnico / cali*grafi*a
*cron*ômetro / ana*crôn*ico	poli*glota* / *glot*ologia
*antrop*ônimo / fil*antrop*ia	velocí*pede* / *ped*icure

(b) **Limitação estrutural**

O segundo critério, também conhecido como propriedade *boundness*, diz respeito a afixos sempre serem formas presas; portanto são elementos que aparecem apenas no interior de palavras. É verdade, para a maioria dos afixos, que só funcionem no interior de uma palavra morfologicamente complexa; os radicais, entretanto, podem surgir como formas livres, ainda que em função do truncamento, no caso dos neoclássicos (o/a **cardio**logista >> **cardio**; **fono**audiólogo/a >> **fono**). Em outros termos, os radicais podem ter estatuto de palavra e, portanto, podem ter livre curso na língua; costumam ser elementos com autonomia discursiva, ainda que alguns necessitem de um marcador de palavra ou de um sufixo (3ª. linha).

(03)

mar, **simples**, **sofá**
foto (fotografia), **hétero** (heterossexual), **odonto** (odontologia)
marc-a, **ritm**-o, **dent**-ista, **faring**-ite

Em (03), a primeira linha traz construções monomorfêmicas que podem funcionar livremente na língua. Na segunda linha, o elemento destacado à esquerda, *a parte (truncamento), numa relação de metonímia formal, adquire o significado do todo (composto original) e atualiza esse conteúdo especializado, já bastante diferenciado do etimológico, na combinação com palavras* (GONÇALVES, 2011b: p.19). Na terceira linha, os formativos em negrito ilustram a incapacidade de os afixos (gramaticais e derivacionais) funcionarem como forma livre, aparecendo, obrigatoriamente, no interior de uma palavra morfologicamente complexa.

(c) **Não projeção de palavra prosódica**

Afixos coerentes[2], por serem formas que surgem no interior de uma palavra morfologicamente complexa, são dependentes, numa perspectiva acentual, da forma (presa ou livre) com que estabelecem a relação morfológica, realizando-se o todo sob um único acento. De acordo com Gonçalves:

Por serem presos, não formam palavras prosódicas independentes. Dito de outra maneira, são elementos que, em geral, não projetam, sozinhos, vocábulos fonológicos próprios, realizando-se, com a forma a que se agregam, sob um único acento. (GONÇALVES, 2011a; p. 4)

[2] Para Booij (2002), afixos coerentes *são aqueles integralmente incorporados à palavra prosódica resultante de sua adjunção a uma base; afixos não-coerentes, por sua vez, não promovem mudanças fonológicas na palavra-base, que se mantém idêntica em sua constituição segmental, porque projetam palavras prosódicas independentes.*

De acordo com o critério, a relação prosódia-morfologia se estabelece de maneira isomórfica com afixos: uma palavra morfológica para uma prosódica. Radicais, entretanto, por poderem atuar como formas livres, projetam palavras prosódicas independentes. A derivação, por este critério empírico, é um processo que atua na correlação unívoca entre a palavra morfológica e a palavra prosódica; a composição, entretanto, costuma ocorrer com duas palavras prosódicas para uma palavra lexical[3].

(04) {[des$_{\mathbf{af}}$amor$_{\mathbf{rad}}$] $_{\text{PRwd}}$}$_{\text{Mwd}}$ {[a$_{\mathbf{af}}$normal$_{\mathbf{rad}}$] PRwd} $_{\text{Mwd}}$

{[beij$_{\mathbf{rad}}$ a] $_{\text{PRwd}}$ – [flor$_{\mathbf{rad}}$] $_{\text{PRwd}}$}$_{\text{Mwd}}$ {[pass$_{\mathbf{rad}}$a] $_{\text{PRwd}}$ [temp$_{\mathbf{rad}}$o] $_{\text{PRwd}}$} $_{\text{Mwd}}$

Na primeira linha, em (04), os prefixos (afixos de primeira posição) se realizam em uma mesma palavra prosódica com os radicais aos quais se agregam, caracterizando, de acordo com este critério, o processo de derivação; na segunda linha, contudo, os elementos componentes da palavra lexical se realizam em duas palavras prosódicas, porquanto, de acordo com o critério (c), radicais podem atuar como forma livre, projetando um vocábulo fonológico próprio e caracterizando, então, o processo de composição.

(d) **Estabilidade funcional**

De acordo com o critério (d), os afixos têm função semântica e função sintática pré-estabelecidas. Em outras palavras, o resultado de relações morfológicas que envolvam afixos tende a ser circunscrito, delimitado. Radicais, por sua vez, não se submetem à premissa, tendo as funções semântica e sintática mais dependentes do contexto da combinação.

(05) decepcion**ante**, estud**ante**, impression**ante**
chupa-cabra, guarda-volume, topa-tudo

Na primeira linha, o sufixo *-nte* ("que X") tem a função sintática de nominalizar e a função semântica de expressar um agente que pratica a ação especificada pela base verbal à esquerda. A estabilidade do sufixo é ratificada pelo modelo de sufixação [[x]$_{\mathbf{vi}}$ nte]$_{\mathbf{sj}}$, em que x representa a base, o *input*, os subscritos indexados (*v* e *s)* representam a categoria do elemento participante do *input* (verbo e substantivo, respectivamente) e o subscrito fora do colchete indica a classe do *output*[4]. A segunda linha apresenta compostos de base verbal, que não funcionam sintaticamente como verbo, tampouco semanticamente. A contribuição semântica dessas bases verbais se confirma, apesar da não composicionalidade, e a construção VO (Verbo-Objeto) reflete a estrutura dos elementos que se unem na formação dos compostos.

(e) **Restrição semântico-sintática**

Funcionando quase como um reverso do critério anterior, o parâmetro (e) afirma que os afixos selecionam a categoria e a natureza semântica do radical a que se agregam.

[3] Os formativos dentro dos colchetes estão marcando o domínio da palavra prosódica (*PRwd*); as chaves, por sua vez, marcam o domínio da palavra morfológica (*Mwd*). Os subscritos indicam a categoria morfológica do formativo lexicais (*afixo* e *radical*).

[4] Os subscritos ***i*** e ***j*** indicam que, tanto o input, quanto o output, são elementos pertencentes ao léxico.

Com isso, dizemos que os afixos têm previamente estabelecidos os aspectos semânticos e sintáticos do formativo com que estabelecerão relação morfológica. Valendo-nos do sufixo usado na exemplificação acima, *-nte* seleciona, na derivação, temas verbais aos quais projeta um agente: 'decepcionante' (aquele/aquilo que decepciona), 'estudante' (aquele que estuda), 'impressionante' (aquele/aquilo que impressiona). Os compostos, por terem a função primeira, no que concerne à formação de palavras, de nomeação de entidades, não se restringem a relações semântico-sintaticamente pré-determinadas:

(06) roda-viva, saca-rolhas, água-de-colônia,
além-mar, bem-casado, puxa-puxa, criado-mudo

Em (06), os exemplos de compostos evidenciam sua insubordinação ao que se apregoa no critério (e): variabilidade das relações sintáticas possíveis na formação de compostos e imprevisibilidade quanto ao potencial semântico das bases, no composto. A variabilidade na estrutura de compostos fica expressa nos exemplos: S+ADJ/ V+S/S+PREP+S, ADV+S, ADV+ADJ, V+V, S+A[5]; a imprevisibilidade semântica se atesta na interpretação não composicional, já que 'roda-viva' não significa um círculo dotado de vida, 'saca-rolhas' representa um objeto e 'água-de-colônia' é um tipo de perfume. Portanto, ao contrário da derivação, a composição não restringe sintática e semanticamente dos elementos constitutivos.

(f) **Composicionalidade**

Pelo critério (f), palavras formadas por derivação oferecem uma leitura composicional, uma leitura que se dá pelo acesso às partes componentes, ou seja, a derivação é preferencialmente endocêntrica. A composição, todavia, não se submete a essa tendência, sendo a leitura do *output* exocêntrica ou endocêntrica.

(07) amá**vel**, argumenta**ção**, auxilia**dor**
amor-perfeito, cachorro-quente, couve-flor

Na primeira linha, os sufixos nominalizadores marcados oferecem uma leitura composicional, que tem o ponto mais alto na projeção da ação especificada no radical. "-vel = passível de X", "-ção = ato de X" e "-dor = que X". Quanto aos compostos, na segunda linha, a leitura composicional é inviabilizada pela reestruturação semântica das palavras-base na atualização do significado resultante no *output*. Em outros termos, "amor" e "perfeito" emprestam seu significado para a formação do nome de um tipo de flor; "cachorro" e "quente" não representam um animal canino exposto a altas temperaturas, mas um tipo específico de sanduíche. 'Couve-flor' não é simplesmente uma "couve", tampouco "flor"; é um vegetal específico.

(g) **Potencial de aplicabilidade**

Pelo critério (g), afixos têm a função de formar palavras em série e apresentam um conjunto fechado de formas, não sendo, pois, elementos básicos de significados na palavra morfologicamente complexa, enquanto radicais apresentam um significado mais denso, sendo elementos básicos de significados nas construções em que aparecem. *Afixos manifestam um conteúdo mais gramatical* (no sentido de funções gramaticais) *ou funcional* (referente à semântica "microlexical" que apresentam na palavra); radicais, por outro lado,

[5] S para substantivo; ADJ para adjetivo; V para verbo e PREP para preposição.

expressam um significado mais lexical, "macrolexical[6]" a nível da palavra (GONÇALVES & ANDRADE, 2012; p.68). Por apresentarem significados mais largos, os afixos possuem um grande potencial de aplicabilidade na formação de novas palavras, podendo ser utilizados em larga escala. Portanto, afixos possuem conteúdos mais amplos e podem combinar-se com um maior número de formas da língua, o que não ocorre com os radicais.

Os afixos, respectivamente prefixo e sufixo, nas construçõe s**in**-X e X-**dor** são altamente recorrentes no atual estágio do PB. O prefixo transmite a ideia de negação (não X), enquanto o sufixo é um agentivo constantemente presente em construções que nomeiam profissionais, transmitindo um conteúdo "aquele que x" (profissão). Os radicais **branc**-o e **cas**-a apresentam um número menor de palavras vinculadas. De acordo com o critério biparamétrico, pode-se associar mais radicais a um afixo do que afixos a um radical.

(h) **Combinalidade**

Sufixos nominais combinam-se basicamente com radicais, enquanto radicais (neoclássicos) combinam-se com uma grande quantidade de tipos morfológicos: palavras nativas e estrangeiras, outros radicais, *splinters*[7], truncamentos, pedaços não recorrentes de palavras, siglas, xenoconstituintes (GONÇALVES & ANDRADE, 2012):

(08) tecno-macumba, agro-boy, homofóbico,
eletronejo, ecofoto, eletrogode, agrotv, pit-babá.

Também palavras podem combinar-se com qualquer um desses elementos para formar um item morfologicamente complexo (hífens marcam fronteira de morfemas):

(09) homem-bomba, cama-*queen*, fisio-terapia, caipi-limão,
moto-táxi, ovo-nese, UFF-tube, cyber-café

Prefixos só se combinam com palavras, sejam eles legítimos (**des**-leal, **in**-feliz), sejam eles composicionais (**anti**-rugas, **pré**-teste). Desse modo, a derivação prevê uma combinabilidade restrita de elementos, enquanto a composição possibilita a junção de vários tipos morfológicos, não limitando o estoque de constituintes que pode levar a uma nova palavra complexa. Passemos, agora, à analise do formativo -*landia*.

2. DA ETIMOLOGIA DO FORMATIVO -LÂNDIA

Segundo o Dicionário virtual Aurélio, a partícula -*lândia* surgiu da junção do radical *land* com o sufixo -*ia*. Ainda segundo o dicionário, *land* tem origem anglo-saxã, e seu estatuto etimológico é de elemento composicional. Segundo o dicionário eletrônico Houaiss, -*lândia* é

> *elemento de composição pospositivo, do teutônico comum, como 'terra, país, região etc.',*

[6] A contribuição semântica dos afixos na constituição do item lexical, excetuando-se os casos de lexicalização, é menos essencial que a dos radicais, que são elementos básicos de significado, portanto "macrolexicais". Sufixos, por não serem elementos básicos de sentido, no item, assumem um estatuto "microlexical".

[7] De acordo com Carvalho & Gonçalves (2015), **splinters** são tidos como pedaços de palavras que, por conta de processos morfológicos não concatenativos, como o cruzamento vocabular (chocolate + panetone >> **chocotone**), o truncamento (morfologia >> **morfo**) e a substituição sublexical (madrasta >> **boadrasta**), passam a transmitir o significado de sua palavra de origem, atualizando produtivamente novas formas no léxico.

> *extremamente freq. em topônimos das línguas anglo-saxãs, alatinados tardiamente com o recurso do suf. –ia de locativos pátrios; em port., além de topônimos como Groenlândia, Finlândia, Jutlândia, tem servido para a form. ad hoc de muitos top. brasileiros, bem como para palavras ad hoc de valor afetivo e pitoresco, como pagolândia, gurilândia, brotolândia, bostolândia etc., pelo menos no Brasil.*

-Ia é um sufixo átono latino, que, no português, tem, entre outras, a função de libertar radicais toponímicos (Amazôn*ia*, Rondôn*ia*, Gréc*ia*, Zâmb*ia*), além de ser encontrado junto a radicais gregos de segunda posição, com os quais formam uma sequência que pode ser interpretada como palavra: 'terapia', 'mania', 'fobia'. O Dicionário Oxford (apud www.wikipedia.org.br) aponta que o primeiro uso conhecido do radical ocorreu em 897 d.C – Engla Land >England. A ortografia, como a concebemos hoje, data de 1538. A tradução para o português seguiu o molde francês (Angleterre), assim como para "Alemanha" (Allemagne). Quanto ao português brasileiro, de acordo com as pesquisas nos *sites* da *Internet*, a primeira palavra conhecida é *Cinelândia,* datada entre os anos 20 e os anos 30 do séc. XX. A região, segundo o *wikipedia*, foi planejada por um empresário proprietário de cinemas, teatros, hotéis e cassinos. Percebe-se, na construção morfológica, que a base à esquerda de *-lândia*, neste caso, é um encurtamento[8] de *cinema* (**cine**ma >>**cine**).

Contudo, a palavra de maior alcance e fonte da produtividade do formativo foi *Disneylândia,* que, segundo o mesmo *Wikipedia*, nomeia o grande parque de diversões planejado entre os anos 30 e 40 e inaugurado em 1955. Na construção, observa-se que, a base à esquerda, que se adjungiu à *-lândia*, é um antropônimo, pois Disney era o sobrenome do criador do projeto, Walt Disney. De acordo com o *wikipedia*,

> *O **Disneyland Park**, originalmente **Disneyland** e comumente referido em português como a **Disneylândia**, é o primeiro de dois parques de diversão construídos no Disneyland Resort em Anaheim, na Grande Los Angeles - Califórnia, Estados Unidos, inaugurado em 17 de julho de 1955 (https://pt.wikipedia.org/wiki/Disneyland).*

Entre o final dos anos 40 e o início dos anos 50, com o planejamento de criação de Brasílias, diversas cidades foram cunhadas com a terminação *-lândia*, em especial no Centro-Oeste: Aurilândia (GO), Castelândia (GO), Curvelândia (MT), Doverlândia (GO), Gouvelândia (GO), Marcelândia (MT), Perolândia (GO), Sidrolândia (MS) e etc...

Com o passar dos tempos, o formativo vai se tornando natural na língua e o potencial de uso se amplia. Construções mais recentes explicitam, de acordo com as nossas análises, a existência de dois tipos de formativos: *-lândia* (tipo1), que se repete nas palavras mais antigas – como as apresentadas acima – e *–olândia* (tipo2), em construções como 'cracolândia', 'cristolândia', 'paraibolândia'. Abaixo, um esquema do desenvolvimento histórico do formativo:

[8] Assim como o truncamento, o encurtamento é um processo de redução de base através de perda de massa fônica; a parte remanescente pode ter estatuto morfológico ou ser meramente uma sequência fônica. O encurtamento, ao contrário do truncamento, não produz um *output* que funcione como forma livre na língua.

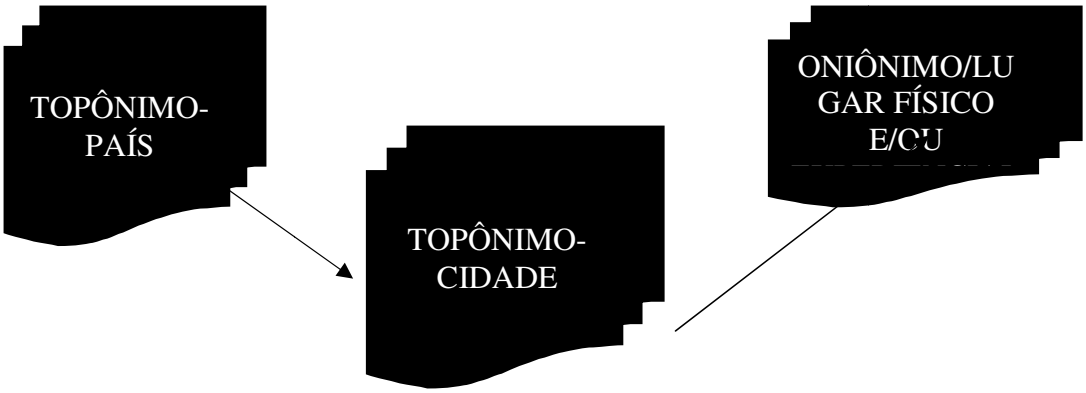

Figura 1- Mudanças semânticas no formativo *-lândia* em português

Como mostra a Figura 1, o desenvolvimento diacrônico do formativo no PB é o seguinte: (a) as primeiras construções, como nos exemplos supracitados, atualizam nomes de países, a exemplo, também, de *Groelândia, Finlândia;* (b) com a incorporação do formativo ao léxico do PB, a partícula, por uma relação de cunho metafórico, passa a atualizar nomes de cidades brasileiras, como *Felixlândia, Sanclerlândia*; (c) o uso disseminado possibilita a criação de lugares físicos, como *Brasilândia*, experienciais, como *cracolândia,* e oniônimos, como *Brinquedolândia.*

2. DA ANÁLISE COMPORTAMENTAL DO FORMATIVO (E SUAS PARTÍCULAS)

Em função dos critérios apresentados na seção 1, pode-se fazer uma análise consistente baseada em aspectos estruturais (fonológicos), formais (morfológicos) e semânticos. Os critérios, como já dito, são apenas uma maneira, entre tantas outras, de estabelecer bases satisfatoriamente coerentes para a análise, já que são formulados a partir de protótipos das classes **afixo** e **radical** e, consequentemente, da derivação e da composição. A questão que se coloca é em função dos elementos que não constituem protótipos das classes a que são classicamente vinculados.

De construções mais recentes do PB, como assinalado, emergiram duas partículas correspondentes ao formativo de origem anglo-saxã *land*: *-lândia* (tipo1) e *-olândia* (tipo2). A primeira distinção que salta aos olhos é a formal: estruturalmente, *-olândia* (doravante Tipo2) adquiriu a vizinhança fônica da vogal [o], oriunda da influência greco-romana na cultura ocidental, constantemente recorrente em palavras provenientes da composição neoclássica, como em fot[o]grafia, ped[o]filia e xen[o]fobia.

Logicamente, o tipo1 funcionou de *input* para o tipo2. A diferenciação em dois formativos, através do uso e consagração populares, rendeu dois aspectos distintivos (além de uma especificação formal própria de cada partícula, em função da vizinhança da vogal [o] ao tipo2), o que abre margem para uma importante distinção entre eles.

Sob o critério fonológico, há uma grande diferença entre as duas partículas: o domínio prosódico. Pelo critério (c), afixos (coerentes) não projetam vocábulos fonológicos independentes, enquanto a classe dos radicais pode projetar palavras prosódicas próprias, sendo o todo realizado sob dois acentos. A primeira asserção sobre os dois outros aspectos criteriais é fonológica: o tipo1, por vir do anglo-saxão como elemento composicional, radical propriamente, mantém a estrutura prosódica da base com quem se adjunge, mesmo não sendo forma livre, por se unir a bases com estatuto de nome próprio e de pauta

acentual categoricamente definida. A relação entre palavra prosódica (PrWd) e palavra morfológica (MWd) infringe o isomorfismo, já que a forma complexa claramente se realiza sob dois acentos, diferentemente do tipo2, que constitui uma única palavra fonológica. A figura abaixo ilustra a diferenciação de comportamento prosódico das duas partículas.

Tipo1 – x-lândia	Tipo2 – x-olândia
{[meme**PrWd**lândia**PrWd**]}**MWd**	{[cracolândia**PrWd**]}**MWd**
{[sushi**PrWd**lândia**PrWd**]}**Mwd**	{[paraibolândia**PrWd**]}**MWd**

Figura 2 – Relação entre palavra morfológica e palavra fonológica nas formas X-*lândia*.

Fonologicamente, portanto, as partículas funcionam diferentemente: enquanto o tipo1 mantém a pauta acentual da base à esquerda, o tipo2 se une em um todo prosódico com a forma a que se adjunge. Quanto ao primeiro, a relação prosódia-morfologia não é isomórfica; em relação ao segundo tipo, há isomorfismo nessa relação. Portanto, pelo critério (c), as partículas corresponderiam a categorias morfológicas diferentes – por conseguinte, participantes de processos distintos de formação: o tipo1 seria, de acordo com o critério em foco, um radical pleno, em se tratando de domínio prosódico. O tipo2, por sua vez, seria um afixo, já que se comporta como um afixo prototipicamente coerente, pois, ao incorporar a vogal -o, combina-se com radicais presos, levando o todo a se comportar como unidade acentual.

Em *sushilândia,* acontece o fenômeno prosódico de retração acentual (*clash*) a fim de se evitar a colisão acentual, já que *sushi* é uma palavra oxítona e *lândia* é um pé trocaico; os acentos colidiriam, transgredindo uma regra de boa-formação prosódica do PB. O fenômeno suprassegmental serve como evidência para a presença de duas palavras prosódicas (PrWd) no constructo. Em *memelândia,* a manutenção da nasalidade fonética da palavra base (**meme**) mostra o comportamento prosódico independente da partícula em questão. Portanto, estes surgem como fatores que, prosodicamente, empregam ao tipo1 estatuto de elemento constituinte de sua própria palavra prosódica, de maneira autônoma.

De acordo com Bisol (2004), o domínio da regra de neutralização, em português, é a palavra prosódica. Como consequência, para a autora, antes das tônicas, vogais médias se realizam fechadas, submetendo-se, portanto, à neutralização – [o] e [e]. Quando as médias se realizam abertas [ɔ] e [ɛ], não havendo neutralização, estamos diante de duas palavras prosódicas distintas, como em [bɛla-mente], [cafɛ-zinho]. No tipo2, percebe-se, através dos testes de leitura e conversação realizados[9], que a vogal grega que se incorpora a *lândia* é pronunciada de maneira fechada, [o]. Portanto, prosodicamente, o tipo2 integra-se ao radical com que se junta em uma mesma palavra prosódica, de maneira não autônoma: em *bostolândia*, a vogal aberta de *bosta*, [ɔ], realiza-se fechada na palavra complexa com *-lândia*, ajustando-se, portanto, à regra de neutralização, que converte as médias de primeiro grau em médias de segundo grau quando deslocadas para a posição pretônica. Como se vê no

[9] Foi realizada uma série de testes para controlar a produção de acento lexical e a qualidade das médias nas construções estudadas. Primeiramente, diferentes textos contendo sentenças com os formativos foram formulados pelos autores para que, durante as entrevistas, fossem lidos pelos entrevistados. Após a leitura, eles respondiam perguntas sobre os textos, a fim de que fosse possível a produção espontânea das construções, e, dessa maneira, checar se eram produzidos como palavras fonológicas independentes ou não. O grupo amostral foi constituído de 25 falantes de ambos os sexos e variados níveis de escolarização.

fragmento a seguir, o termo faz referência a um lugar de concentração de políticos corruptos:

> *Neste contexto fedorento e não menos alegre, o cúgresso de* ***Bostolândia****, representante legítimo dos cornos mansos que eleição após eleição votam nos mesmos ladrões, que roubam nem fazem, os ditos representantes do polvo, com seus inúmeros tentáculos além de freqüentarem animados serões noturnos em homenagem à república, perdem-se em discussões filosóficas de quais empresas devem sair os fundos para os pagamentos das diversas relações extra-conjugais. Tudo é claro, dentro da lei e com direito à julgamento secreto, votação secreta, ameaça de contar todas as sacanagens dos demais legisladores, etc, etc. Enfim tudo como manda a cartilha de uma republiqueta de merda.*
> http://www.biologo.com.br/moscatelli94.html. Acesso em 23 de março de 2016.

A outra diferenciação é semântica: o tipo1 tende a agir mais semelhantemente ao seu protótipo etimológico, mantendo um significado denso e mais constante, não tendendo a extensões de sentido (metáfora e metonímia); portanto, é mais nomeador. O tipo2, a semelhança dos sufixos, presta-se à formação em série, alargando consequentemente seu significado, em função do elemento à esquerda, e sua motivação é cognitiva: metafórica ou metonímica. Também como os sufixos, o tipo2 é mais passível de efeitos de expressividade. Gonçalves (2005), na distinção entre flexão e derivação, atribui a elementos derivacionais uma tendência a efeitos de expressividade. Esta postulação do autor serve o comportamento polissêmico do tipo2, pois, uma vez que *a derivação pode servir como veículo para o falante exteriorizar sua impressão a respeito de algo ou alguém* (GONÇALVES, 2005; p. 33).

Aplicando a ideia de um *continuum* nomeação-expressividade, em uma gradação de comportamento semântico, do mais nomeador ao mais expressivo, teríamos o seguinte: o tipo1 é mais designativo que o tipo2, que, embora também nomeie novos eventos, entidades e processos, revela o ponto de vista do falante, muitas vezes nomeando, expressivamente, a partir de propriedades associativas, como veremos mais adiante.

A análise pelo critério semântico indica que o tipo1 tende a manter um significado próximo ao etimológico anglo-saxão ("terra de"), como ocorre nas palavras *Disneylândia, Cinelândia, suhilândia, lililândia* e *growlândia,* que, respectivamente, significam terra da Disney, do cinema, do sushi, da Lili (nome de uma "twitteira", responsável pela conta na rede social) e do Grow (uma das formas de nomeação de maconha em inglês). Todavia, o tipo2 parece ter o significado mais propenso a extensões através de metáfora e metonímia que ocasionalmente ocorre na base à esquerda.

Ferrari (2011) define que *a metáfora é, essencialmente, um mecanismo que envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outros.* Nessa operação cognitiva, ainda segundo a autora, *para cada metáfora, é possível identificar um domínio-fonte e um domínio alvo. O domínio-fonte envolve propriedades físicas e áreas relativamente concretas da experiência, enquanto o domínio-alvo tende a ser mais abstrato* (FERRARI, 2011; p.92). A autora classifica a metonímia como *deslocamento de significado, no qual uma palavra utilizada para representar uma entidade representa outra entidade contígua;* define que a contiguidade *é estabelecida em termos de associação na experiência* (FERRARI, 2011; p. 102).

Portanto, há uma diferença crucial entre os processos cognitivos: a metáfora atua na projeção entre domínios distintos (relação interdominial), um fonte e um alvo; a metonímia, entretanto, atua na projeção de subdomínio(s) de um domínio-matriz (relação intradominial). Em relação às construções analisadas neste trabalho, a metáfora ocorrente na base à esquerda do tipo2 atua, por exemplo, na formação de palavras como *brotolândia*,

"lugar/reunião de jovens fisicamente bonitos" (Fig. 4) e *bestolândia*[10], "lugar de pessoas "sem noção":

Fig. 3 - Brotolândia (http://raissaijanc.blogspot.com.br/2012/03/brotolandia-e-lingua-portuguesa.html. Acesso: 07/03/2016)

A metonímia aparece em palavras como *cracolândia* ("lugar/reunião de viciados, originalmente em craque") e *paraibolândia* ("lugar/reunião de nordestinos, chamados de "paraíbas" no RJ"). A bem da verdade, o tipo2 costuma atualizar construções de cunho mais fantasioso e menos nominativo que as construções do tipo1, como *Disneylândia, Cinelândia, Dollylândia* etc. A Figura a seguir mostra o que vem a ser uma 'cracolândia':

Fig. 4 - Cracolândia http://www.policiacomunitariadf.com/palestra-senac-a-realidade-das-drogas-craque/crack-cracolandia-sp-drogas-usuario-size-598. Acesso em 07/03/2016.

Outro critério que pode diferenciar os dois tipos é o morfológico: o tipo1 admite a vizinhança de elementos de diferentes categorias morfológicas. O tipo2 costuma manter-se fiel à base radical. Morfologicamente, o tipo1 seleciona palavras prontas (Disneylândia), produtos de encurtamento (pagode > pago > pagolândia), produtos de siglagem (Campanha de Erradicação das Invasões > C.E.I. > Ceilândia (reg. Administrativa do DF), prenomes (Felixlândia (MG)), hipocorísticos (lililândia), estrangeirismos (growlândia).

O tipo2 seleciona apenas radicais presos, (macac + olândia = macacolândia; empreg + olândia = empregolândia; crac (craqu) + olândia = cracolândia; paraib + olândia = paraibolândia). Em suma, pelo viés morfológico, o tipo1 é menos previsível funcionalmente, mais próximo da classe dos radicais. O tipo2, entretanto, é mais estável funcionalmente, no sentido de selecionar apenas radicais presos de base nominal.

[10] (http://ceeftardin-bomjesus.blogspot.com.br/2013/05/aula-atrativa-verbete-turma-804.html). Acesso em 7/03/2016.

A hipótese da base unitária (ARONOFF, 1976), doravante HBU, estabelece que um afixo seleciona categorialmente a base com que se relaciona. Ainda de acordo com a hipótese, se houver um desvio de natureza categorial, mais de um processo de formação de palavras está envolvido na adjunção do afixo. Uma extensão dessa hipótese aos nossos dados pode trazer a noção de que um afixo também seleciona a natureza morfológica da base, ou seja, um sufixo seleciona o tipo de morfema (mais precisamente o radical) nas operações de que faz parte. A hipótese, portanto, serve como um argumento a mais na distinção entre as duas partículas. O tipo1 seleciona bases de categorias morfológicas diversas; por isso, seria visto como um radical pelo critério morfológico e pela HBU, enquanto o tipo2 se aproxima da classe dos afixos derivacionais[11], nos termos de Mateus *et alii* (2003).

A seguir, elencamos algumas características que as duas partículas têm em comum, unificando-as em um mesmo formativo originário: (1) alta densidade semântica; (2) grande restrição posicional; (3) constituem cabeças lexicais das construções de que participam; e (4) formam produtos coerentes sintaticamente (sempre substantivos).

Quanto à semelhança (1), ambas as partículas, tipo1 e tipo2, apresentam, por herança do protótipo etimológico, um significado denso, "macrolexical", característica essencial dos radicais. Em (2), ambas as partículas apresentam lugar pré-determinado, à direita (X-(o)*lândia),* na cadeia sintagmática, a exemplo de sufixos, tal qual o fato de que (3) as partículas também constituem núcleo semântico dos itens morfologicamente complexos dos quais fazem parte. Por fim, à semelhança (4), comum às duas partículas, vincula-se a ideia de que o resultado das operações morfológicas que contenham uma ou outra partícula sempre atendem a uma classe lexical: substantivo.

A interseção entre as duas partículas problematiza a ideia, inclusive, de uma separação aristotélica entre elas. Por terem características partilhadas, as partículas podem, em certos casos, carregar características da outra, relativizando, por consequência, a conceituação e inviabilizando uma distinção veemente e categórica.

Entretanto, os critérios empíricos levantados para o trabalho não se mostram sempre consistentes, uma vez que, pelo critério (c), baseado no comportamento fonológico dos formativos, e pelo critério (h), baseado no comportamento morfológico, o tipo1 é identificado como radical. A especialização na semântica de lugar (de mais concreto e fixo, no tipo1, a menos concreto e variável, no tipo2) também aponta para uma diferença entre as construções. Outros critérios, no entanto, malogram o postulado.

Pelo critério (a), a partir do qual se afirma que afixos são regidos por fixidez posicional, enquanto radicais podem se mover na cadeia sintagmática, o tipo1, que pelos critérios (c) e (h) é visto como radical, passa a figurar como um afixo, já que, em todos os dados levantados no trabalho, aparece sempre à direita na palavra morfologicamente complexa. Já pelo critério (g), a partir do qual se estabelece que elementos derivacionais apresentam significados mais largos, o tipo2, em outros critérios analisável como um afixo, seria agora interpretado como radical por sua densidade semântica.

O critério (d), pelo qual se postula que afixos têm funções semânticas e sintáticas pré-estabelecidas, vai de encontro aos critérios que aproximam o tipo2 da classe dos afixos, já que essa partícula admite potencial de extensão de significado dependendo da base à esquerda, comportando-se como um radical. O critério (f), com que se assenta que

[11] Afixos derivacionais correspondem aos sufixos por poderem alterar a categoria da base e diferem-se dos afixos modificadores, que não podem alterar a categoria lexical da base, e atuam em casos de mudança morfológica. (MATEUS ET ALII, 2003)

elementos participantes de derivação tendem a oferecer uma leitura mais composicional, sendo preferencialmente endocêntricos, faz com que o tipo1, por manter um significado mais fixo e se adjungir a bases de significados mais concretos, ofereça uma leitura mais composicional que o tipo2; logo, baseados em (f), diríamos que o tipo1 seria mais afim à classe dos afixos.

Pelos critérios semântico, fonológico e morfológico, o tipo1 se aproximaria mais da classe dos radicais, afastando-se do polo derivacional, em um *continuum* composição-derivação, enquanto o tipo2 se manteria mais próximo do protótipo derivacional, ao comportar-se mais semelhantemente à classe dos sufixos. Semanticamente, o tipo1 é mais nomeador e o tipo2, por ser mais polissêmico, tende a ser mais expressivo. Este participa mais de extensões de significado que aquele, que mantém-se mais estável semanticamente nas construções analisadas.

Fonologicamente, o tipo1 mantém a pauta acentual, tal qual a classe dos radicais; o tipo2, por sua vez, costuma unir-se, em uma mesma palavra prosódica, com os radicais presos a quem se adjunge, assim como os sufixos. Morfologicamente, o tipo2 tende a ser mais estável funcionalmente que o tipo1, que seleciona bases de natureza variada.

A proposta de um *continuum* parece solucionar as lacunas que a categorização nos moldes aristotélicos, método adotado pela tradição gramatical, deixa no tocante à natureza do formativo e ao processo responsável pela formação do item lexical. Partindo do mais derivacional até o mais composicional, a ideia de um *continuum* (KASTOVSKY, 2009) apregoa a noção de que a composição e a derivação são processos distintos, mas compartilham características e, por isso mesmo, os formativos estariam dispostos da seguinte maneira numa escala:

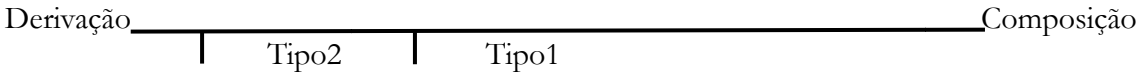

Figura 5 – Localização dos formativos numa proposta de *continuum*.

PALAVRAS FINAIS

Para tentar responder ao questionamento feito por Booij ao lançar as bases de sua Morfologia Construcional (BOOIJ, 2010) – se a composição e a derivação não seriam polos prototípicos de um mesmo processo de formação de palavras –, defendemos a ideia de um *continuum* composição-derivação (radical-afixo) na tentativa de assumir a posição de que as partículas (e as palavras) podem adquirir características dos dois elementos do binômio. Portanto, uma distinção nos moldes aristotélicos pode trazer problemas à descrição morfológica já que, se não se faz a análise a partir de protótipos, os elementos não se enquadrariam tanto em uma, quanto em outra classificação possível.

Das conclusões acerca da análise, destacam-se (a) a vogal grega de ligação, padrão da composição neoclássica, parece instabilizar os limites entre os processos de composição e derivação, pelo menos em relação ao formativo analisado, *-lândia*, (b) a composição e a derivação não são processos distintos, como nos moldes aristotélicos, mas constituem operações limítrofes e formam casos prototítipicos de uma relação gradiente, do mais derivacional para o mais composicional (menos derivacional) e (c) a metáfora e a metonímia são dois processos cognitivos responsáveis pela recorrência do formativo, em construções informais mais recentes no PB.

REFERÊNCIAS

ARONOFF, M. *Word formation in generative Grammar*. Cambridge: MIT Press, 1976.

BISOL, L. *Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica*. *DELTA*, São Paulo, 20 (especial), 59-70, 2004.

BAUER, L.. The borderline between derivation and compounding In: DRESSLER, W. et al. (ed). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 79-93.

BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

CARVALHO, W. B. & GONÇALVES, C. A. V. "Sobre 'piris' e 'guetes'": análise morfológica das construções cunhadas a partir de splinters de 'periguete'. *Forum Linguistico*, Florianópolis, v.12, n. 4, p. 930-944, out./dez. 2015.

GONÇALVES, C. A. V. *Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

GONÇALVES, C. A. V. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, Vol. 9, número 5, p. 6-39, nov. de 2011.

GONÇALVES, C. A. V. Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos. *Domínios de Lingu@gem*, 5, p. 62-89, nov. 2011.

GONÇALVES, C. A. V. & ANDRADE, K. E. El status de los componentes morfológicos y el *continuum* composición-derivación en portugués. *Lingüística*, nº. 28, 2012, págs. 119-145.

FERRARI, L. *Introdução à linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo* Dicionário Eletrônico 5.0 Aurélio *da Língua Portuguesa*. 5. ed. Curutiba: Ed. Positivo, 2010.

KASTOVSKY, D. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In McConchie, R. W. et alii (eds.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis* (HEL-LEX 2). Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, p. 1-13, 2009.

MATEUS, M. H. M. *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 6ª edição. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

VIEIRA, M. F. O formativo -lândia no português brasileiro comtemporâneo: radical ou afixo? *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 3, v. 1, p. 41-51, 2012.

FROM 'DISNEYLÂNDIA' TO 'CRACOLÂNDIA': AN APPROACH ON THE FORMATIVE -LÂNDIA IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Abstract: *This paper discusses the morphologic status of the formative -lândia in the current Brazilian Portuguese (PB): if it is a stem or an affix, if it does engage the compounding process or the derivation process or if it carry characteristics of both morphologic elements and, consequently, both general word formation processes. The main goal of this work is to evidence the continuum proposal among both categories and both word formation processes, showing how the categorical division can present failures on the description of the formative here studied*

and, consequently, of the word formation process it instantiates. Based on Kastovsky (2009), we apply the continuum compounding-derivation (stem-affix) to the formative here analyzed and we show how lândia does not constitutes a splinter, through its historical path.

Key-words: *Morphology; compounding; derivation.*